

RECENSÕES

LABOURDETTE, Jean-François — *La Nation Française à Lisbonne de 1669 à 1790. Entre Colbertisme et Libéralisme*, col. Centre d'Etudes Portugais, 9, Paris, Fondation Caloust Gulbenkian/Centre Culturel Portugais et Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, 1988, 726 pp.

As relações políticas e comerciais entre Portugal e a França datam de há muito e foram sempre importantes para os dois países. Neste livro, Jean-François Labourdette, que é também o autor de um manual sobre Portugal no período de 1780 a 1802, apresenta um estudo acerca da Comunidade Francesa de Lisboa desde o fim da Guerra da Restauração até ao eclodir da Revolução Francesa.

Esta obra está dividida em 4 partes, em que o autor trata aspectos diferentes da vida da Comunidade Francesa. Na primeira parte, o autor tenta definir o que é a «nation française», como se compunha e quais eram as suas instituições e privilégios. A importância da Confraria e da Igreja de São Luís estão aqui bem ilustrados. Ao mesmo tempo, Jean-François Labourdette estuda o espírito de independência (l'esprit républicain) que reinava entre os franceses que viviam em Lisboa. O autor tenta, ainda, avaliar o número de gauleses residentes em Lisboa e chega à conclusão que apenas alguns de entre eles se dedicavam ao comércio.

Na segunda parte, são apresentados, o sistema consular francês, em Portugal, bem como as funções do cônsul em Lisboa. O quinto capítulo apresenta os critérios de recrutamento dos titulares. O autor dá, ainda, informações pormenorizadas e bundantes sobre a biografia e a actividade dos 15 cônsules franceses que exerceram funções entre 1669 e 1792.

Na terceira parte, o autor apresenta um estudo desenvolvido do comércio e navegação entre Portugal e a França. É um assunto relevante, pois os membros mais representativos da Comunidade Francesa eram mercadores, salientando, no capítulo 3, Jean-François Labourdette as fraquezas fundamentais do Comércio franco-português: a falta de complementaridade entre as economias dos dois países e a repercussão negativa da solidariedade geo-estratégica anglo-portuguesa.

Finalmente, na quarta e última parte, o autor apresenta uma informação detalhada sobre os comerciantes, as suas casas de comércio, o seu modo de vida, a sua ascensão social e a sua integração na sociedade portuguesa.

Esta obra está escrita num estilo agradável e claro, tornando este livro de compreensão fácil, ainda que o uso abundante de citações, de fontes manuscritas, no meio do texto, o torne, contudo, às vezes de leitura difícil. O autor emprega várias fontes primárias conservadas em arquivos franceses (Paris) e portugueses (Lisboa). A documentação dos «affaires étrangères» pertencente aos «Archives Nationales» de Paris e os fundos pertencentes ao Ministério dos Negócios Estrangeiros de França, conforme é assinalado pelo autor, foram essenciais para este estudo.

Jean-François Labourdette faz uma crítica rigorosa da documentação utilizada, dando-se conta das suas limitações. Por exemplo, no primeiro ponto, da secção em que

estuda o comércio francês, expõe as dificuldades e as contradições encontradas nos dados numéricos que detecta.

A metodologia usada é rigorosa e o autor apresenta conclusões pertinentes no fim de cada uma das quatro partes. O livro encerra com uma conclusão geral, onde são focados os pontos mais importantes.

Nos anexos, incluídos no termo da obra, encontramos dados numéricos completos sobre o comércio franco-português, no período estudado, bem como elementos acerca da navegação entre os dois países. Estes dados numéricos, seriam contudo, mais fáceis de visualizar se o autor apresentasse gráficos. Além disso, são-nos fornecidas, ainda, nos anexos, listas de comerciantes franceses de Lisboa e quadros com as alianças de família destes negociantes.

Registe-se que este trabalho reveste-se de grande importância, pois chama a atenção para uma comunidade estrangeira estabelecida em Lisboa desde há muito e que apesar de referenciada em alguns trabalhos de natureza histórica nunca foi compreensivelmente estudada. De notar que esta cidade, além de ser a capital do país era (e ainda é) um porto de mar de primeira ordem. No período em causa, sendo a cabeça do Império Português, era ainda o ponto de chegada de produtos tropicais, especialmente os provenientes do Brasil, o que explica, a presença nela de muitos comerciantes estrangeiros.

Jean-François Labourdette demonstra que, apesar dos comerciantes franceses estarem interessados neste tráfico colonial, desempenhavam em Lisboa uma outra função: forneciam à Corte e ao país produtos manufacturados de luxo. A esta luz compreende-se facilmente a reacção negativa das autoridades francesas em relação à política de implementação manufactureira seguida pelo Conde da Ericeira e pelo Marquês de Pombal. E os franceses, que ajudavam o governo português na prossecução destes intentos eram classificados pelos representantes do seu país como traidores.

Podemos dizer que o autor estuda esta comunidade sob vários aspectos: social, político e económico e mostra qual a sua importância na Sociedade Portuguesa. Ficamos, ainda, a conhecer as origens sociais destes comerciantes, as alianças matrimoniais que fizeram com famílias portuguesas, bem como a procura de nobilitação tanto em Portugal como em França. A lei francesa, contudo, considerava os filhos de qualquer cidadão francês, casado com uma estrangeira, como estrangeiros e a sua naturalização era fácil de conseguir junto da Corte de Versalhes. Isto contribuiu para a definitiva fixação destes nescadores em Portugal. Por outro lado, o comércio com a França não era muito significativo, sendo o realizado com a Inglaterra, de longe, o mais importante. Labourdette mostra, ainda, que até os holandeses tinham mais relações comerciais com Portugal que os franceses.

Trata-se de uma obra original que se ocupa de um assunto escassamente estudado até agora; uma comunidade estrangeira há muito estabelecida em Portugal. Seria desejável, porém, que Jean-François Labourdette estenda o seu estudo a outras Comunidades Francesas instaladas em Portugal. A Comunidade Francesa do Porto, por exemplo, foi alvo de escassas referências neste volume. O autor fornece dados detalhados e exactos que tornam esta num instrumento indispensável para quem queira estudar as relações franco-portuguesas nos séculos XVII e XVIII, E, pela leitura deste livro, ficamos a par de muitos aspectos importantes, quase desconhecidos, até agora, acerca do comércio e das relações políticas entre os dois países. Além disso, este tipo de trabalho histórico, fundamental para a compreensão do passado, lança luz sobre muitas questões não respondidas, até ao presente, e abre novas pistas para estudos futuros.

Jorge Martins Ribeiro

FERNANDES, Maurício Antonino; BASTOS, Manuel Pires — **Macinhata da Seixa**. *Documentada mostragem da terra e evolução de seu povo*, Edição da Câmara Municipal da Oliveira de Azeméis, 1985, 383 pp.

A alforria mental que se verifica em Portugal, de alguns anos a esta parte, bem como a democratização das instituições administrativas, tudo isso permitiu, a nível nacional e local, um redobrado interesse de estudo pelas diversas parcelas que formam a unidade da pátria portuguesa. Por outro lado, as alargadas possibilidades económicas dos municípios vieram facilitar e promover investimentos culturais quanto ao desenvolvimento e história das nossas freguesias. É neste contexto que a Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis assume o projecto global de realizar o levantamento cultural e histórico das dezanove freguesias do seu alfoz. Macinhata da Seixa, progressiva freguesia deste concelho, graças ao entranhado amor do seu filho P.^o Manuel Pires Bastos, auxiliado pelo estudioso Maurício Antonino Fernandes, é, assim, a primeira freguesia do concelho a ser contemplada com uma bela e exaustiva monografia, «documentada mostragem da terra e evolução do seu povo». Do ponto de vista externo, a apresentação é excelente, tipograficamente bem cuidada, em óptimo papel e ilustrada com profusão de boas fotografias. Quanto ao conteúdo, aparece cientificamente organizada, embora sem novidades metodológicas. Revela que, na realidade, os autores estão a par da moderna historiografia, atendendo aos aspectos culturais e mentais, políticos e administrativos, religiosos e folclóricos, demográficos e quantitativos, tudo como mandam as regras da teoria das fontes históricas. Claro que há capítulos mais ricos que outros. Os capítulos introdutórios são, necessariamente, genéricos, mas não deixam de integrar as singularidades e especificidades de Macinhata da Seixa. Queremos destacar o contributo toponímico, por mais que num ou noutro caso pontual possamos estar em desacordo quanto à origem etimológica de algum topónimo. Mas o respectivo autor não deixa de contemplar várias hipóteses, como faz, e bem, a respeito de Macinhata; de facto, é preciso ter sempre em conta a polissemia dos nomes e as suas raízes latinas, árabes ou suevo-visigóticas que, ao longo dos tempos, sofreram metáteses, corruptelas ou contaminações. Registamos com agrado este capítulo sobre toponímia, a respeito da qual tantas vezes os nossos regionalistas embarcam em fantasias bairristas, fáceis mas deformantes. Reconhecemos que alguns dados talvez sejam demasiado circunstanciais, de mera curiosidade cronológica e erudita, os quais, todavia, poderão ajudar à compreensão e conhecimento do ambiente sócio-económico. É o caso da longa «descrição de todos os prédios rústicos e urbanos» para o ano de 1862, transcrita do caderno de lançamento da décima (pp. 84-103). Acertados, sem dúvida, os parágrafos sobre profissões, artes e ofícios, artesanato e indústrias. Do capítulo IV ao IX estende-se uma secção mais historicizante, bairrista e uniforme, a contemplar, documentalmente, as diversas facetas do viver colectivo na simbiose telúrico-vivencial do povo de Macinhata. Perpassa diante do leitor a demografia, a arte, a etnografia, a cultura, tudo aquilo, enfim, que o povo, pobre ou rico, produziu e se pode contemplar nos monumentos, igrejas e capelas, festas, procissões, superstições, escolas e vínculos ou morgadios, associativismo e poder local. Com esta monografia, o povo de Macinhata, conhecedor da sua história, pode contemplar, orgulhoso, o seu passado e carregar, esperançado, a arca da sua memória colectiva. Saudando os autores, temos de dar os parabéns à Câmara de Oliveira de Azeméis por esta iniciativa em que poderá abarcar, embevecida, o caleidoscópio do seu nobre e progressivo concelho.

«Ifígea» — Revista de la 1.ª sección de Geografía e História. Córdoba: Facultad de Filosofía y Letras, Univ. de Córdoba, n.º 3-4, 1986-87.

«Africana» — Porto: Centro de Estudos Africanos da Universidade Portucalense, n.º 4, 1989.

«Acta Historica et Archaeologica Medievalia» — Barcelona: Departament d'Història Medieval, n.º 9, 1988.

«Didaskalia» — Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, v. 17, n.º 1, 1987.

«BSAA» — Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología. Valladolid: Universidad de Valladolid. n.º 54, 1988.

«Estudios Mindonienses — Anuario de Estudios Histórico-Teológicos de la Diócesis de Mondoñedo. El Ferrol: Centro de Estudios de La Diócesis de Mondoñedo, n.º 4, 1988; n.º 5, 1989.

«Historia Instituciones Documentos» — Sevilla: Universidad de Sevilla, n.º 14, 1987.

«J. Zurita» — Zaragoza: Institución Fernando el Católico, n.º 57, 58, 1988.

«Anales de la Fundación Joaquín Costa» — Madrid: Fundación Joaquín Costa, n.º 6, 1989.

«Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas» — Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, n.º 2, 1988.

«Revista de Ciências Históricas» — Porto: Departamento de Ciências Históricas da Universidade Portucalense. v. 3, 1988.

«Revista de Estudios Extremeños» — Badajoz: Servicios Culturales de la Excm. Diputación Provincial, v. 45, n.º 1, 2, 1989.

«Revista de História das Idéias» — Coimbra: Instituto de História e Teoria das Idéias, n.º 9, 2, 3, 1987.

«Revista Portuguesa de História» — Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, v. 23, 1987.

«Zeitschrift für Katalanistik» — Frankfurt: Deutsch — Katalanische Gesellschaft, v. 2, 1989.

LAVAJO, Joaquim M. Chorão — *Túnis e o primeiro Studium Arabicum hispânico do século XIII* — Universidade de Évora, 1986.

LAVAJO, Joaquim M. Chorão — *A ordem dos pregadores como resposta às exigências de renovação eclesial e intelectual da «Hispania» medieval* — 1984.

LAVAJO, Joaquim M. Chorão — *Um confronto metodológico no diálogo islamo-cristão medieval Raimundo Marti e Raimundo Lulo* — Universidade de Évora, 1981.

LAVAJO, Joaquim M. Chorão — *Uma página de S. Tomás no contexto islamo-cristão medieval* — 1986.

GRACE, Roger — *Teach yourself microwear* — Universidad de Santiago de Compostela — 1988.

NAUTON, Pierre — *Géographie phonétique de l'Haute-Loire* — Paris, Société d'Éditions «Les Belles Lettres» — 1974.

ARISTÓFANES — *As aves* — Edições 70, Lisboa — 1989.

PLATÃO — *Laques* — Edições 70, Lisboa — 1989.

SILVA, José Carlos Gomes de — *Orissa* — Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa.

VALCARCE, Ramón Fábregas — *Aproximaciones a la cultura material del megalitismo gallego* — Universidade de Santiago de Compostela — 1988.

CAMESELLE, Gonzalo Mejjide — *Las espadas del bronce final en la Península Iberica* — Universidade de Santiago de Compostela — 1988.

COELLO, ANTONIO MARTINEZ — *El obispo de Orense D. Pedro de Quevedo y Quintana* — Orense — 1987.

